

I ENANPARQ –

**Encontro Nacional da Associação Nacional
de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**

Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território: percursos e prospectivas

Eixo temático: Teoria, História e Crítica

Simpósio Temático

Panoramas da Arquitetura Brasileira Moderna e Contemporânea

Título

***“Architettura Contemporanea: Brasile”*,
arquitetura brasileira entre 1957 e 2007**

Renato Luiz Sobral Anelli

Arquiteto (FAU PUCCAMP, 1982), Mestre em História (IFCH UNICAMP, 1990), Doutor (FAU USP, 1995), Livre-Docente (EESC USP, 2001). Professor Titular do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.



Titulo

**“Architettura Contemporanea: Brasile”,
arquitetura brasileira entre 1957 e 2007**

Resumo

Apresenta-se aqui o livro “Architettura Contemporanea: Brasile”, de autoria de Renato Anelli, publicado pela 24 Ore Motta Architettura de Milão em 2008. O livro é parte de uma coleção dedicada a vários países, e curada pelo professor Giovanni Leoni. O autor entendeu o convite como uma oportunidade para refletir sobre as novas possibilidades de interpretação da produção arquitetônica no Brasil, abertas pelas pesquisas históricas desenvolvidas nas últimas duas décadas por vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

O recorte temporal escolhido foi o de 1957 a 2007, iniciando com os projetos de Brasília, e não posteriores a ela, o que permitiu construir um painel daquilo que era contemporâneo à construção da nova capital. Assim, foi mostrado que várias das principais correntes que caracterizariam a produção brasileira nas décadas seguintes já estavam presentes no momento de afirmação da hegemonia moderna. Apesar de Brasília significar o ápice do projeto cultural iniciado com a Semana de Arte Moderna de 1922 e desenvolvido por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer na arquitetura, a produção brasileira que lhe era contemporânea não se esgotava nele, e tal diversidade teria grande projeção após 1960.

A definição de “contemporâneo” adotada não pretende contrapô-lo a um “moderno” já esgotado ou ultrapassado. Por contemporâneo entende-se apenas um recorte temporal ao longo do qual se pode verificar construções, disputas, críticas, renovações entre várias posições definidas historicamente.

O livro procura identificar como o campo disciplinar da arquitetura se transformou e se posicionou na dinâmica histórica do país ao longo desses 50 anos. Um período caracterizado por fortes marcas políticas, tais como uma ruptura institucional no regime democrático que perdurou por 20 anos; a desmontagem do estado nacional após o final da ditadura militar em um processo que combina o fortalecimento da sociedade civil com a emergência do neoliberalismo e um período que se encerra

quando se manifestam fortes sinais de retomada do desenvolvimento do país após décadas de estagnação econômica. Esses três momentos não formam períodos estanques, mas se entrelaçam de modo articulado através de continuidades e transformações.

A estrutura narrativa do livro constitui um sistema de balizas que conduz o texto introdutório e as apresentações da seleção de obras. Apesar de se pensar a história da arquitetura como parte da história social, evita-se o risco de entendê-la como mera ilustração dos acontecimentos. Pelo contrário, procurou-se identificar os momentos nos quais projetos, obras, propostas e escritos foram agentes ativos do desenvolvimento do país. Momentos que contrastam com aqueles nos quais as condições de produção da arquitetura se alteraram devido a processos nos quais ela teve pouca participação.

Palavras chaves: Brasília, Cultura popular, Pós-modernismo

Title

“Architettura Contemporanea: Brasile”,
Brazilian architecture from 1957 to 2007

Abstract

Here is presented the book “Architettura Contemporanea: Brasile”, by Renato Anelli, published by 24 Ore Motta Architettura from Milan in 2008. This book is part of a collection dedicated to a variety of countries, and curated by Professor Giovanni Leoni. The author saw this invitation as an opportunity to analyze the new possibilities of interpreting the architectural production in Brazil, resulted from historical research carried out in the last two decades by a number of Brazilian and foreign researchers.

The time period selected is from 1957 to 2007, which begins with the works of Brasília, and not those after that. This provided an overview of what was contemporary with the construction of the new capital. Therefore, it was shown that many of the main trends that characterize the Brazilian production in the following decades already existed at the moment of affirming the modern hegemony. Although Brasília was the climax of the

cultural project launched with the Modern Art Week in 1922 and developed by Lúcio Costa and Oscar Niemeyer in architecture, the Brazilian production contemporary with this project was not limited to it, and such diversity had great value after 1960.

The definition of “contemporary” adopted does not intend to compare it to a “modern” already exhausted or outdated. “Contemporary” is considered a period of time throughout which we can observe growth, dispute, criticism and updates among the different positions historically defined.

The book aims to find how the architecture field evolved and positioned itself in the country’s historical dynamics all through these 50 years. It was a period characterized by major political factors, such as the institutional fall of the democratic regime, which endured for 20 years; the collapse of the national state after the end of the military dictatorship, in a process that combines the strengthening of civil society with the emergence of neoliberalism; and a period that ends when promising signs of a development resumption of the country appear after several decades of economic stagnation. These three moments were not isolated periods, but they interweave through continuities and transformations.

The book’s narrative structure consists of a system of guidelines that leads the introductory text and the selected works’ display. Even though architecture history is regarded as part of social history, the risk of considering it as a mere illustration of facts is avoided. On the contrary, it intends to find moments in which designs, works, proposals and articles were active participants in the country’s development. Moments that contrast with those in which production conditions of architecture changed due to processes in which it hardly took part.

Key words: Brasília, Popular culture, Postmodernism

Titulo

**“Architettura Contemporanea: Brasile”,
arquitetura brasileira entre 1957 e 2007**

Renato Luiz Sobral Anelli

O desafio de escrever um livro abrangendo 50 anos de arquitetura no Brasil foi proposto pelo professor Giovanni Leoni, curador da coleção *Architettura Contemporanea* da editora italiana Motta Architettura. Até então as pesquisas desenvolvidas por este se concentravam em recortes temáticos que passavam por trajetórias (como as de Rino Levi e Lina Bo Bardi) ou temas bem definidos, mas pouco explorados anteriormente, tais como arquitetura de cinemas, as relações entre as arquiteturas modernas brasileira e italiana e o papel das redes de infraestrutura nas concepções urbanísticas durante o regime militar. O convite de Leoni foi entendido como uma oportunidade para refletir sobre as novas possibilidades de interpretação da produção arquitetônica no Brasil, abertas pelas pesquisas históricas desenvolvidas nas últimas duas décadas por vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

O formato pré-definido dos livros da coleção – introdução e seleção de 60 obras, apresentadas através de uma foto, um desenho e um texto analítico – condicionou o caráter e abrangência da linha de argumentação, conferindo uma grande responsabilidade na escolha das obras. A produção de um livro para público estrangeiro foi outro fator relevante.

O recorte temporal de 1957 a 2007 foi a primeira decisão: iniciar com os projetos de Brasília, e não posteriores a ela, permitiu construir um painel daquilo que era contemporâneo à construção da nova capital. Assim, foi mostrado que várias das principais correntes que caracterizariam a produção brasileira nas décadas seguintes já estavam presentes no momento de afirmação da hegemonia moderna. Apesar de Brasília significar o ápice do projeto cultural iniciado com a Semana de Arte Moderna de 1922 e desenvolvido por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer na arquitetura, a produção brasileira que lhe era contemporânea não se esgotava nele, e tal diversidade teria grande projeção após 1960.

A definição de “contemporâneo” adotada não pretende contrapô-lo a um “moderno” já esgotado ou ultrapassado. Por contemporâneo entende-se apenas um recorte temporal ao longo do qual se pode verificar construções, disputas, críticas, renovações entre várias posições definidas historicamente.

Nesse aspecto, o trabalho se difere de outros que têm objetivos semelhantes pelos problemas de método que enfrenta. A noção de trama historiográfica, desenvolvida por Paul Veyne em seu famoso livro de 1970, já foi utilizada por vários historiadores na revisão da historiografia da arquitetura moderna brasileira. Entre eles destaca-se o trabalho do professor Carlos Martins (1988), que apresentou a história da arquitetura brasileira como a construção de uma trama historiográfica iniciada por Lúcio Costa, aprimorada nos livros de Goodwin, Mindlin e Bruand e conduzida de modo a afirmar a hegemonia da produção derivada de suas próprias proposições. A revisão dessa historiografia, iniciada na década de 1980, teve diversos agentes, cada qual adotando métodos específicos. Em comum encontramos a ampliação do campo historiográfico em várias direções e a definição de encadeamentos formando novas tramas narrativas.

As diferenças dentro desse novo campo são tão evidentes que seria inadequado tratá-las como um bloco ou um movimento. Da crítica produzida nas revistas – incrivelmente férteis na década de 1980 – às pesquisas acadêmicas desenvolvidas nas universidades, realiza-se o “escrutínio” da arquitetura moderna brasileira proposto por Carlos Comas em um momento em que o moderno se apresentava internacionalmente como superado pelo pós-modernismo. A tensão entre moderno e pós-moderno é algo constitutivo do período e marca de modo indelével as posições teóricas tanto quanto a redemocratização do país e o esvaziamento do estado nacional nas décadas de 1980 e 1990.

A distância de mais de vinte anos do início da construção de uma nova história da arquitetura brasileira exigiu que ela fosse tratada no livro como um objeto constitutivo da arquitetura contemporânea no Brasil. Não são apresentadas apenas as obras selecionadas, procura-se discutir as tramas construídas nesse período que tornam tais exemplos relevantes até os nossos dias.

O cuidado tomado nesse exame foi o de evitar entender essa multiplicidade de posições como linhas construídas de modo independente ou arbitrário ao longo do tempo. Risco inerente ao próprio método da história constituída por tramas narrativas

que se contrapôs aos grandes sistemas explicativos que fundamentavam a historiografia moderna até então hegemônica.

A opção foi procurar identificar como o campo disciplinar da arquitetura se transformou e se posicionou na dinâmica histórica do país ao longo desses 50 anos. Um período caracterizado por fortes marcas políticas, tais como uma ruptura institucional no regime democrático que perdurou por 20 anos; a desmontagem do estado nacional após o final da ditadura militar em um processo que combina o fortalecimento da sociedade civil com a emergência do neoliberalismo e um período que se encerra quando se manifestam fortes sinais de retomada do desenvolvimento do país após décadas de estagnação econômica. Esses três momentos não formam períodos estanques, mas se entrelaçam de modo articulado através de continuidades e transformações.

O primeiro período se inicia com o concurso de Brasília, momento de afirmação do moderno como parte constitutiva do desenvolvimentismo e segue até meados da década de 1970 quando o crescimento acelerado do país se encerrou. São analisadas tanto as rupturas produzidas pelo golpe militar, quanto as continuidades ocorridas devido ao caráter desenvolvimentista dos anos de ditadura.

A emergência das teorias do subdesenvolvimento e da dependência no final da década de 1950 redefiniu o projeto modernista iniciado em 1922. De uma posição de conquista da hegemonia da representação da identidade nacional, a cultura moderna se estendeu para o popular, buscando aí as possibilidades de ação política de transformação social. O livro destaca a contemporaneidade entre a construção de Brasília e o fenômeno de metropolização de São Paulo. Foi frente a ele que os arquitetos se polarizam politicamente, divididos entre posturas de inserção na ou de transformação da dinâmica do desenvolvimento urbano e produtivo. Evitou-se entender São Paulo dentro de uma perspectiva isolada do processo nacional, pois foi nesta cidade que se manifestaram primeiro as novas características do processo de industrialização do país – intenso crescimento demográfico para suprir a indústria com mão de obra de baixo custo abrigado pela produção informal da cidade. As propostas elaboradas pelos arquitetos para enfrentar esse processo – planejamento urbano e industrialização da construção – tiveram grande presença de paulistas, ainda que o objetivo fosse de abrangência nacional.

Entende-se que foi a pertinência dessas formulações que levaram à sua parcial absorção pelo regime militar em instituições com o BNH e SERFHAU, abrindo espaço para a participação de um grande contingente de arquitetos na atuação do estado mesmo após o golpe. Tanto na introdução quanto na seleção de obras presentes no livro, são destacados os projetos inseridos na atuação dessas duas instituições: habitação social, pré-fabricação, infra-estrutura urbana são áreas nas quais a arquitetura elabora proposições inovadoras ainda que distantes da demanda social do país.

Nesse período é também analisada a escolha da arquitetura moderna, pelos governos militares, para a construção de seus principais edifícios representativos. A monumentalidade que caracterizou a arquitetura moderna brasileira desde a construção do Ministério da Educação e Saúde foi levada ao paroxismo, em especial nos anos do “milagre econômico”, produzindo uma desconfortável associação entre as formas modernas e o estado militar. Associação que pode ser um dos responsáveis pelo anti-modernismo que aflorou durante os anos da redemocratização.

O segundo período se inicia no final da década de 1970, com a eclosão dos movimentos sociais pela democracia e se encerra no começo da década de 1990, quando o primeiro presidente eleito diretamente passa a implantar o programa neoliberal. Identifica-se uma combinação entre dois pólos políticos na crítica ao estado nacional. Por um lado, os movimentos sociais constituíram um agente complexo, que envolveu variados esforços de constituição e fortalecimento da sociedade civil de modo independente do estado autoritário. Por outro, a política liberal que se afirmava internacionalmente alterava as concepções do papel do estado na economia introduzidas no país após a Revolução de 1930. A peculiar combinação desses dois movimentos políticos levou ao esvaziamento do estado, fosse para o fortalecimento de modos de democracia direta e participativa, fosse para a redução de gastos públicos e na privatização da ação pública em vários setores estratégicos.

No livro são analisados três movimentos que no campo da arquitetura conduzem à revisão tanto da arquitetura moderna, quanto da relação entre arquitetura e estado: experimentalismo, regionalismo e pós-modernismo.

Por experimentalismo entende-se a aproximação entre a arquitetura e os movimentos sociais por moradia e serviços públicos, ocorrida nos anos finais do regime militar. Reuniram-se a concepção de estímulo à organização autônoma de

segmentos sociais e as experimentações formais e construtivas realizadas por um amplo leque de arquitetos – da contra-cultura hippie aos grupos de esquerda. Arquitetos atuantes nesses movimentos procuravam nas formas vernaculares de construção inspirações para a criação de sistemas construtivos leves que pudessem facilitar a autoconstrução. Surgem nesse momento novos modos de atuação profissional que sobreviveriam à institucionalização democrática e enfraquecimento do projeto político de autonomia social.

A associação entre estado nacional e autoritarismo do período militar inverteu o significado da construção da identidade nacional moderna. De uma cultura nacional que incorporava na sua construção diversas especificidades da cultura popular, parte-se para a valorização das diferenças identificadas nas diversas regiões com o objetivo de fragmentação da unidade cultural nacional moderna construída desde a década de 1930. Um entendimento que certamente condicionou a recepção local dos conceitos de regionalismo crítico e modernidade apropriada. Baseado nesse entendimento do regionalismo surgido na década de 1980, o livro procura identificar como um conjunto de produções arquitetônicas emergidas ainda no processo de difusão da arquitetura moderna para localidades distantes do Rio de Janeiro passou a ser identificadas como raiz de identidades regionais difusas pelo país

Entre as várias concepções abrigadas sob o rótulo de pós-moderno, duas encontraram terreno fértil na situação brasileira da década de 1980. A obra do trio mineiro Maia, Vasconcelos e Podestá apontava a cultura midiática de massas como fonte de uma arquitetura pop carregada de ironia, dando novas feições ao popular. Em outro extremo, a retomada historicista dos procedimentos disciplinares acadêmicos manifestava-se em vários concursos de projeto, associados a novos instrumentos de análise e proposição da forma urbana. Enquanto o primeiro se esgotou poucos anos após o impacto da provocação inicial, o apelo urbanístico do segundo sobreviveu na contraposição do *urban design* ao planejamento urbano, enfraquecido também politicamente durante a redemocratização do país.

Em meio ao enfrentamento entre os propositores dessas novas posições e os arquitetos de orientação moderna que ocupavam então as principais instituições profissionais, o desenvolvimento do sistema de pesquisa e pós-graduação na área de arquitetura e urbanismo tornou-se um pólo catalisador de reflexões de maior fôlego que pretendessem ultrapassar os limites da crítica nas revistas. No livro é apontado o

papel de um conjunto de professores que ao propor o estudo da arquitetura moderna brasileira como fenômeno histórico, cria novas condições de interpretação da obra de seus principais expoentes.

O acompanhamento da recepção e crítica de três obras de Oscar Niemeyer (Parque Tietê, Memorial da América Latina e MAC Niterói) e uma de Mendes da Rocha (MUBE), todas projetadas na segunda metade da década de 1980, conduz a análise das inflexões e renovações que abrem uma nova fase para a arquitetura moderna no Brasil nas décadas seguintes.

O terceiro período inicia-se com as transformações nas atividades do estado na promoção do planejamento urbano e desenvolvimento nacional a partir de 1990, enfatizando suas implicações para a dinâmica urbana e social brasileira, e encerra-se na data de produção do livro, quando os sinais de uma retomada do desenvolvimento do país se tornavam evidentes.

O primeiro aspecto apontado nesse período é o descolamento do movimento de renovação da arquitetura moderna das posições políticas e ideológicas que caracterizaram o seu desenvolvimento no passado: a construção da identidade nacional e a ação de planejamento centralizado no estado.

A ausência de uma política urbana nacional fica expressa no descompasso entre a apresentação da emenda popular de reforma urbana à Assembleia Constituinte de 1988 e a promulgação do Estatuto da Cidade em 2001. Nesse intervalo, a ação de planejamento ficou restrita às iniciativas municipais, acentuando a fragmentação da política urbana brasileira.

O agravamento dos conflitos urbanos acompanhou a rápida extensão das periferias pobres e a criação de condomínios fechados de alta renda, ambos expandindo as cidades para vastas áreas rurais ou naturais e esvaziando os centros urbanos tradicionais. A cidade esteve fora da possibilidade de ação dos arquitetos, apesar da grande produção teórica sobre ela. Com poucas exceções, enfraqueceu-se o vínculo entre arquitetura e urbanismo que caracterizou a produção brasileira nos anos anteriores. As obras escolhidas para representar esse período no livro fazem parte desse processo. Casas com projetos inovadores situadas em condomínios fechados ou bairros de elite são contrapostas a equipamentos e conjuntos de habitação social nas periferias, compondo duas faces preponderantes no período.

Como toda história recente (ou imediata), o período carece de sedimentação analítica para o lançamento de hipóteses explicativas mais aprofundadas. Por isso optou-se por uma finalização através da seleção de algumas obras que apontam novas perspectivas, em três temas considerados como desafios para o futuro da arquitetura: o enfrentamento da condição metropolitana, a sustentabilidade ambiental, e a substituição da cultura popular pela cultura de massas.

A estrutura narrativa aqui apresentada constitui um sistema de balizas que conduz o texto introdutório e as apresentações da seleção de obras do livro “Architettura Contemporanea: Brasile”. Apesar de se pensar a história da arquitetura como parte da história social, evita-se o risco de entendê-la como mera ilustração dos acontecimentos. Pelo contrário, procurou-se identificar os momentos nos quais projetos, obras, propostas e escritos foram agentes ativos do desenvolvimento do país. Momentos que contrastam com aqueles nos quais as condições de produção da arquitetura se alteraram devido a processos nos quais ela teve pouca participação.

O formato da coleção, onde as obras são apresentadas por uma foto de página inteira, um desenho e um texto analítico, acentua um modo de entender a história da arquitetura através de sua produção projetual. O estudo dessa produção trouxe subsídios para a construção das narrativas que conduzem o livro, mas foi a coerência destas que conduziu a seleção final das obras. As fortes imagens dos projetos escolhidos constroem um mosaico articulado por seqüências e encadeamentos explicitados nos textos, mas passíveis de serem identificados com a simples observação atenta.

Por último é importante destacar que o volume do Brasil está inserido em um lugar especial dentro da coleção “Architettura Contemporanea”, da qual já foram publicados outros sete volumes na Itália. Entre os volumes espanhol, suíço, holandês, norte-americano e japonês, talvez seja ao lado do livro dedicado à Índia que ele melhor se situe. Comparações somente possíveis graças ao formato leve da coleção, essa sim capaz de formar um amplo panorama da arquitetura contemporânea. A recente publicação da coleção na França traz a esperança de que um dia ela também possa ser publicada aqui.

Bibliografia

- ACAYABA, M. M. e FICHER, S. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo, Projeto, 1982
- ARANTES, O. *O lugar da arquitetura depois dos Modernos*. São Paulo, Edusp/Studio Nobel, 1993.
- BASTOS, M. A. J. *Dos Anos 50 aos Anos 70: Como se Completou o Projeto Moderno na Arquitetura Brasileira*. São Paulo. Tese de Doutorado, FAU USP, 2004.
- BASTOS, M. A. J. *Pós-Brasília: Rumos da Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Perspectiva/FAPESP, 2003.
- BONDUKI, N. *Arquitetura & Habitação Social em São Paulo 1989 – 1992*. São Carlos, Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 1993.
- BRUAND, Y. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo, Perspectiva 1991.
- CANEZ, A. P.; COMAS, C. E.; BOHRER, G. V.. *Arquiteturas cisplatinas: Roman Fresnedo Siri e Eladio Dieste em Porto Alegre*. Porto Alegre, Editora UniRitter, 2004.
- CAVALCANTI, L. e LAGO, A. C. do. *Ainda Moderno?* Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2005.
- COMAS, C. E. . *Uma certa arquitetura moderna brasileira: uma experiência a reconhecer*. In GUERRA, A. *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. São Paulo, Romano Guerra, 2010.
- DECCA, E. S. . *O Estatuto da História*. Espaço & Debates: Cidade e História, São Paulo: n. 34, pp. 7-12, 1992.
- FRAMPTON, K. *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*, in FOSTER, H. (org) *The Anti-Aesthetic. Essays on Postmodern Culture*. Port Townsend, Bay Press 1983.
- GIMENEZ, Luis Espallargas. *Pós-modernismo, arquitetura e tropicália*. in Projeto. São Paulo, n. 65, 1984.
- GOODWIN, P. L. . *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942*. New York, MoMa New York, 1947.
- GUERRA, A. *A construção de um campo historiográfico*. In GUERRA, A. *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. São Paulo, Romano Guerra, 2010.
- KATINSKY, J. R. *Arquitetura Paulista: uma perigosa montagem ideológica*. in *Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, n. 17, 1988.

- KOURY, A. P. Arquitetura Construtiva: proposições para a produção material da arquitetura contemporânea no Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- LACOUTURE, J. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 216-240.
- MARTINS, C. A. F. Estado e Arquitetura no Brasil: Elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.
- MATOSO, D. Matoso e FICHER, S. Reflexões sobre o Pós-Modernismo, “MDC”, 4, 2007, <http://www.mdc.arq.br/mdc/txt/mdc04-txt-01.pdf>
- MINDLIN, H. E. Arquitetura Moderna no Brasil. Rio de Janeiro, Aeroplano, 1999.
- NOBRE, A. L. Fios Cortantes: Projeto e Produto, Arquitetura e Design no Rio de Janeiro (1950-70), Tese (Doutorado) - Departamento de História. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.
- SEGAWA, H. Arquiteturas no Brasil, 1900-1990. São Paulo, Edusp, 1997.
- SEGRE, R. Arquitetura Brasileira Contemporânea. Petrópolis, Viana & Mosley, 2003.
- SPADONI, F. A Transição do Moderno. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.
- TELLES, S. S. Lúcio Costa: monumentalidade e intimismo, Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n.25, 1989.
- VEYNE, P. Como se Escreve a História. Brasília: UnB, 1992
- ZEIN, R. V. A arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.